

compra objetos”, afirma Castro.

Em meio aos artefatos – alguns armazenados, outros expostos –, os mais requisitados por quem visita a Casa são os cadernos do engenheiro, geógrafo e historiador baiano Teodoro Sampaio, que presidiu a instituição por 12 anos, de 1923 a 1937. “Como arquiteta, não posso dizer que são os objetos mais valiosos. Tudo é valioso. O que tem um valor inestimável para uma pessoa pode não ter para outra”, diz Zita Alves, diretora do Arquivo Histórico.

Entre as tantas histórias não oficiais sobre como as cadernetas foram parar lá, a mais contada é celebrada pelos funcionários como um milagre. Diz-se que os livrinhos estavam perdidos num convento, tomando o espaço das freiras, que ameaçavam jogá-los fora. Alguém levou o recado para o instituto, que conseguiu socorrer as anotações do engenheiro.

Entre o que foi salvo estão um diário, desenhos técnicos de paisagens por onde passou, cenas cotidianas e retratos de pessoas. “Ele desenhava aqueles que encontrava pelo caminho. Além de mapear as cidades, mapeava seus cidadãos”, comenta Zita. Hoje, as cadernetas não são mais abertas ao público. “É uma forma de preservá-las. O projeto é digitalizar tudo”.

Além do governo do estado, que repassa verbas para a instituição por meio do Fundo de Cultura há 20 anos, a entidade cultural sobrevive por meio das mensalidades dos sócios e do aluguel de imóveis próprios. “Não sobra dinheiro para fazer muita coisa, como grandes reformas ou a restauração de todos os objetos”, lamenta o presidente.

Num passeio pelo instituto, Eduardo de Castro faz questão de mostrar como as instalações são limpas e bem cuidadas, mas reclama de quadros desgastados pendurados nas paredes: “Mande pendurar mesmo. Se ficar escondido, a gente não vê que precisa consertar. Tem que ficar exposto, para causar aflição e nos fazer correr atrás de uma forma de restaurá-los”.

Desde 2015, o gestor planeja a construção de um anexo de 1.662 m<sup>2</sup> em quatro andares, já batizado de Consuelo Pondé de Sena em homenagem à antiga presidente. Com projeto já aprovado pela prefeitura de Salvador e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Bahia (Iphan), falta ainda a captação de cerca de R\$ 20 milhões pela Lei Rouanet – mas ainda não há previsão de quando a obra terá início.

O novo prédio, de acordo com Castro, ocupará o espaço de uma casa em ruínas contígua ao atual edifício, de frente para a Rua Portão da Piedade. Para lá serão levadas todas as atividades administrativas, além de uma sala de pesquisa para a Biblioteca Ruy Barbosa, parte do instituto, já abarrotada e sem es-

LUCIANO CARCARÁ / AG. A TARDE



LUCIANO CARCARÁ / AG. A TARDE

**Acima, uma das cadernetas do engenheiro Teodoro Sampaio. Abaixo, Normando Reis, que pesquisa na biblioteca há mais de 20 anos**

paço para tantos livros. “A ideia é que o prédio atual seja o Museu da História e da Geografia da Bahia, mais interativo. Se um jovem quiser participar da Batalha de Pirajá, ser um soldado, ele poderá fazer isso através de instalações multimídia”.

Andando para a frente, o ambiente mais conhecido do instituto salta aos olhos, o Panteon Pedro Calmon. Além dos objetos históricos, como esculturas, móveis e quadros – alguns restaurados, outros, nem tanto –, a abóbada da Casa da Bahia talvez seja o que mais chama a atenção no ambiente. “Esse prédio foi construído especificamente para ser o instituto, apenas com doações”, lembra Castro. Antes de ser transferido para a Avenida Sete, o IGHB, fundado por 37 homens em 1894, ficava no Terreiro de Jesus. “Naquele tempo, um dos prédios pegou fogo. Foi reconstruído, mas, por ser uma das artérias da cidade, o instituto veio para cá”.

A inauguração do atual prédio foi no dia 2 de julho de 1923, centenário da Independência do Brasil na Bahia – o que faz da data uma das poucas capazes de abrir as portas da frente da instituição. “Somos os guardiões dos carros do Caboclo e da